



FORMULÁRIO PARA RELATÓRIO FINAL

1. Identificação do Projeto

Título do Projeto PIBIC/PAIC

**ADOLESCÊNCIA E MORTE – UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DE
ADOLESCENTES EM ELABORAÇÃO DE LUTO**

Orientador

RAQUEL ALMEIDA DE CASTRO

Aluno

ALEXANDRE CAVALCANTE DA SILVA

2. Informações de Acesso ao Documento

2.1 Este documento é confidencial?

SIM NÃO

2.2 Este trabalho ocasionará registro de patente?

SIM NÃO

2.3 Este trabalho pode ser liberado para reprodução?

SIM NÃO

**2.4 Em caso de liberação parcial, quais dados podem ser liberados?
Especifique.**

3. Introdução

4. Justificativa

5. Objetivos

6. Metodologia

7. Resultados e Discussão

8. Referências

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**ADOLESCÊNCIA E MORTE – UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DE
ADOLESCENTES EM ELABORAÇÃO DE LUTO**

Bolsista: Alexandre Cavalcante da Silva, FAPEAM

MANAUS/AM

2016

ADOLESCÊNCIA E MORTE – UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DE
ADOLESCENTES EM ELABORAÇÃO DE LUTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0184/2015

**ADOLESCÊNCIA E MORTE – UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DE
ADOLESCENTES EM ELABORAÇÃO DE LUTO**

Bolsista: Alexandre Cavalcante da Silva, FAPEAM

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Almeida de Castro

MANAUS/AM

2016

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Fundação de Apoio à pesquisa - FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

RESUMO

O presente estudo promove uma investigação sobre o processo de elaboração do luto em Psicanálise, entre adolescentes dos 18 aos 21 anos. Destacando a reflexão da morte como um fenômeno natural cuja representação está presente desde a concepção do indivíduo, abarcando a forma como isso é elaborado no decorrer dos anos em respeito a cada fase do desenvolvimento. A pesquisa tem como objetivo central apresentar as representações dos adolescentes sobre o luto conforme a projeção dos participantes voluntários na construção de um discurso que vai justificar os sentimentos experimentados diante da perda recente de um ente querido, correlacionando-os com o estabelecimento de vínculo no âmbito familiar, reflexo das relações afetivas e sociais, baseando-se no referencial teórico psicanalítico. Para alcançar os objetivos fora construído um questionário discursivo com a finalidade de identificar lutos simbólicos mesclados ao luto concreto, representação da morte e adolescência. A amostra da pesquisa contou com dois participantes do gênero feminino convergindo no luto pela figura da avó. O recrutamento das adolescentes ocorreu no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Amazonas, junto aos usuários do centro, onde também foram realizadas as entrevistas individuais. O resultados abrangeram compartilhamento psíquico dos recursos de enfrentamento na unidade familiar, a tendência à reprodução de comportamentos dos genitores, a existência do luto idealizado por figuras com as quais não conviveu e a tendência a prolongar a relação com a avó falecida a partir das suas virtudes por transmissão transgeracional.

Palavras-chave: ADOLESCENTES; LUTO; PSICANÁLISE.

ABSTRACT

This study promotes research on the process of elaboration of mourning in psychoanalysis in adolescents on 18 to 21 years old. Highlighting the reflection of death as a natural phenomenon whose representation is present since the conception of the individual, covering how it is developed over the years with respect to each stage of development. The research was aimed to present representations of adolescents about mourning as the projection of the volunteers participating in the construction of a speech that will justify the feelings experienced before the recent loss of a loved one, correlating them with the link establishment within family, reflecting the affective and social relations, based on the psychoanalytical theory. To achieve the objectives had been built a discursive questionnaire in order to identify symbolic mourning merged into the concrete mourning, death and adolescence representation. The survey sample included two female participants converging in mourning the figure of the grandmother. The recruitment of teenagers took place in the Applied Psychology Service Center of the Federal University of Amazonas, with the users of the center, where the individual interviews were also conducted. The results covered psychic sharing of coping resources in the family unit, the tendency to reproduction the behavior of the parents, the existence of mourning designed by figures that not lived and the tendency to extend the relationship with the deceased grandmother from their virtues for transgenerational transmission

Key Words: TEENS; GRIEF; PSYCHOANALYSIS.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. REFERENCIAL TEÓRICO	9
1.1 Representação e Morte	12
1.2 Adolescência e Luto	13
1.3 Os Estágios do Luto.....	14
2 METODOLOGIA	15
2.1 Tipo de Pesquisa.....	15
2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão	16
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	17
2.4 Análise crítica dos riscos e benefícios	17
2.5 Procedimento de coleta de dados:	17
2.6 Categorias de análise.	19
2.7 Breve apresentação das adolescentes participantes	19
2.7.1 Adolescente Um.....	19
2.7.2 Adolescente Dois	20
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	21
3.1 Representações de si.....	21
3.1.1 Representações sobre o corpo e o luto pelo corpo infantil.	22
3.2 Representações dos vínculos	24
3.2.1 O vínculo no lar.....	24
3.2.2 O vínculo não vivido: luto idealizado.	27
3.3 O luto pessoal e compartilhado	28
3.3.1 O dito e o não dito.....	30
3.3.2 O luto adiado e os ritos funerários	32
3.3.3 A morte que vem de surpresa	35
3.3.4 A morte como não sofrimento.....	37
3.4 As estratégias de enfrentamento	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

A morte faz parte da civilização desde o início dos tempos. Estudos realizados por Freud acerca da concepção de morte diante de culturas distintas promovem a ideia do quanto diversos povos possuem formas singulares de lidar com esse evento. Desde rituais distintos à análise da culpa presente no psicológico de familiares em luto. A apresentação de vivências, reflexões e análises sobre como a sociedade compreende a morte é interessante conforme o tema acaba fazendo parte do nosso cotidiano. Não é novidade o quanto esse assunto tornou-se recorrente em conversas populares após o falecimento de alguém da comunidade a qual pertence, entretanto há séculos é possível evidenciar uma exaltação da morte e demonstração, justamente, da morbidez em poemas, romantizando o evento de luto associado a diversos fenômenos populares do Romantismo. Mesmo após tanto tempo, a morte fica presente em letras de canções e filmes infantis capazes de sensibilizar jovens e adultos, seja sobre o acalantar de uma despedida ou revelar o sentimento por trás da mesma.

O papel da Psicologia em compreender os fenômenos psicossociais, abrangendo a realidade de vida de distintas pessoas e suas visões de mundo, permite analisar o fenômeno do luto de acordo com seu impacto social e significações acrescentadas ao mesmo. Segundo Freud (1980), “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. Esse momento chega a ser uma intervenção na disposição normal do indivíduo em continuar a viver, ocasionando diferentes atitudes na maneira de seguir seu cotidiano. A adoção de um novo objeto de amor após um luto profundo pode ser demorada, dependendo do quanto o impacto do luto está sendo profundo. O importante é notar a prática disseminada do atendimento terapêutico a fim de auxiliar pacientes a minimizarem seus sofrimentos psíquicos em vista de perdas de entes queridos, investigando até mesmo a maneira com que alguém posiciona-se diante da ideia de morte.

A finalidade do projeto foi principalmente compreender como os adolescentes que estão passando por elaboração de um luto lidam com a concepção da morte analisando também o quanto já estão enfrentando processos simultâneos como o luto simbólico pelo corpo infantil e até mesmo como encaram a concretude de outras perdas no desenvolvimento de sua história de vida. A relação da perda presente seja de um ente

querido ou amigos distantes também correspondem a situações distintas a enriquecerem o material de estudo. Por exemplo, a menção a reações de sentimentos de perda ocorridos na infância e suas convergências e divergências com o luto recente.

Todavia, o próprio fato da morte ser um tema distante durante essa fase demonstra o quanto o jovem se encontra despreparado para assumir um posicionamento a respeito desse assunto enquanto possui tantas atribuições sociais em que se firmar e se adaptar, uma série de expectativas e pressões modernas para um futuro promissor, tanto quanto diversos adultos referem-se à adolescência como uma fase de decisões e apreciação de si mesmo, um momento marcante para descobrir o próprio corpo, o qual certamente adquire significações distintas se comparadas ao momento da infância.

O presente estudo abrangeu a compreensão do processo de luto trazendo à tona a visão do mesmo a cerca da morte, o impacto do falecimento de um ente querido e as consequências disso na interação dos mesmos com a sociedade. Para isso, fora necessário analisar o atendimento terapêutico de alguns jovens vitimados pelo luto, relacionando aos estudos científicos publicados acerca do assunto. O objetivo também incluiu investigar a relação de vida e morte conforme a ótica psicanalítica, envolvendo estudos de Freud (1980), Kóvacs (1992), Melanie Klein (1991) e Arminda Aberastury (1989).

O processo de perda de símbolos é abordado bem como a correlação entre melancolia e luto, algo a propiciar a análise de sessões dos pacientes a serem estudadas. Para Freud (1980), a inibição do ego envolve uma devoção quase exclusiva ao luto, o desprazer é aceito por nós como algo natural da nova abstração derivada da perda de alguém. O mundo se torna pobre e vazio, não raramente há fotografias sem cores para representar esse falta de preenchimento do mundo. Enquanto a adolescência já é permeada por cores vibrantes na concepção de liberdade e desempenho de uma identidade distinta às figuras paternas. Logo, o conflito entre os dois exageros de sentimentos ocasiona grande angústia no jovem, causando ainda mais estranheza no mundo em que o jovem ainda está em processo de descoberta.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa estuda o universo adolescente, fazendo uma reflexão sobre o quanto o luto torna-se significativo diante das relações sociais posteriores e a maneira de lidar com os outros. Trabalhando, dessa maneira, o fenômeno individual do luto, sem deixar de lado a investigação do impacto social causado pelo mesmo, diante do entendimento dos conflitos típicos da adolescência que abarcará eventos desde a infância, no entanto entrevistando participantes maiores de idade que irão relatar sua dinâmica familiar, convívio social, impulsos inconscientes mesclados à morte concreta de um ente querido, dentre outros.

Registrando inicialmente o discurso de adolescentes que passam pelo processo de luto afim de especificar que tipo de mudanças são ocasionadas por esse evento, a relação disso com suas representações de morte e o quanto isso pode influenciá-lo daquele em período em diante, correlacionando seus lutos simbólicos à experiência real.

Para realizar a análise do questionário, houve levantamento bibliográfico visando embasar cientificamente os conceitos e ideias propostos no projeto. A representação da morte, mudanças de perspectivas, conflitos com as fases do desenvolvimento e de que maneira estão relacionados pelos eventos da História de Vida nos discursos dos entrevistados.

Em sua obra *Adolescência Normal: Um Enfoque Psicanalítico*, Aberastury e Knobel (1989) associam fatores da personalidade adolescente a comportamentos manifestados numa fundamentação psicodinâmica. O entendimento de que a adolescência é uma experiência clínica diante da qual ocorre um processo de desenvolvimento alvo de desvios naturais. A síndrome da adolescência normal seria, então, uma série de desequilíbrios que seriam perturbadores para um indivíduo já adulto contudo de vital importância ao infante que está elaborando a própria identidade.

Nessa fase, segundo Aberastury e Knobel (1989), o adolescente irá passar por instabilidades que inicialmente poderão confundir os terapeutas menos saudosos das próprias experiências juvenis, experimentando sentimentos com as mudanças físicas e enfrentar o mundo adulto, distanciando-se do mundo infantil onde geralmente possuía uma dependência das outras pessoas, logo irá notar a queda de figuras estabelecidas quando criança.

Aberastury (1989) aborda a existência de três lutos na adolescência: o luto pelo corpo infantil, biologicamente imposto ao infante e podendo ocasionar rejeição inicialmente para ocorrer aceitação; o luto pelo papel e a identidade infantis, caracterizado pela descoberta de que possui novas responsabilidades e não é mais aquela criança dependente ou que terá os pais por perto; luto pelos pais da infância, a significação dessas figuras parentais é tão grandiosa que ocorrem conflitos ao notar que eles também possuem falhas, lidando com o envelhecimento dos mesmos e os próprios pais precisam confrontar-se com a ideia de que seus filhos estão crescendo.

O complexo psicodinâmico irá acontecer com os lutos mencionados anteriormente mesclados ao contexto no qual o adolescente está inserido, fazendo referência à bissexualidade infantil perdida conforme possa ocorrer um direcionamento de suas pulsões para um gênero específico. O sofrimento do adolescente acontece na sua evolução para o mundo adulto, surge com uma nova visão das relações interpessoais, o desenvolvimento cognitivo une-se à sexualidade, expressando um conflito individual e justificando as crises existenciais serem mais frequentes a partir da adolescência pela decepção com a realidade.

Para Aberastury (1989), o adolescente possui certa “vulnerabilidade especial” para encarregar-se de conflitos dos pais, irmãos e amigos. Tendendo a projetar na delinquência e rebeldia o adoecimento do meio, agredindo assim o mundo adulto quando tenta a autosabotagem. A adaptação torna-se algo difícil e demanda anos, as alterações psicológicas só acontecem com uma maneira de trabalhar as relações com os pais, novas pautas de convivência serão estabelecidas devido a mudanças corporais e a existência de um novo status. A relação com passado pode servir como refúgio da realidade enquanto enxerga um futuro desafiador.

As identificações momentâneas e contraditórias refletem a ampla gama de personagens dos quais o adolescente pode construir, é um aparato de instabilidade de corpo e identidade. A princípio a família também sente o impacto social da fase em que os filhos encontram-se, o julgamento contra os genitores nem sempre é silencioso, o enfrentamento pode tornar-se doloroso pela percepção de que o adulto do lar não é mais visto como ídolo.

Aberastury (1989) ressalta o quanto o enfoque apenas no adolescente, ao estudar essa fase, é incompleto por não considerar parte do processo a reação dos pais. As

mudanças biológicas como primeira menstruação na menina e sêmen no menino carregam uma determinação sexual social e um novo papel até como reprodutores, aproximando-se fisicamente dos pais. Não existindo uma identidade determinada, a inspiração fundamental é o mundo mutável não estabelecendo um senso de normalidade, na verdade essa fase é marcada pelos conflitos que levarão o jovem a microlutos com a finalidade de preparação para uma despersonalização, passando por períodos de crises religiosas ou busca por isso visando a socialização com outros da mesma faixa etária.

O sistema de teorias utilizado no presente trabalho interliga um sistema de teorias e ideias que promovam uma soma de ansiedades e conflitos sobre adolescência, relacionando o impulso ao desprendimento da infância com a tendência a continuar ligado aos pais principalmente em situações problemáticas como a elaboração familiar de um luto por morte concreta, para isso é necessário compreender um pouco sobre a significação da morte concreta quando já se está passando pela elaboração de luto pela morte dos pais, a própria morte do corpo infantil e mudanças psicológicas.

As constantes flutuações de humor e do estado de ânimo do adolescente irão colidir com suas próprias crenças de morte, sendo evidenciadas por um histórico familiar quando ocorridas na infância e retomadas no universo adulto. Em sua obra *Morte e Desenvolvimento Humano*, Kovács (1992) aborda que a palavra-chave do adolescente é desafiar, associando-o a heróis afinal geralmente as representações figurativas dos últimos é com juventude, beleza e impetuosidade.

O adolescente pode vivenciar diversas mortes concretas de entes queridos, familiares, amigos, dentre outros. A onipotência do adolescente confronta-se com a ameaça de que ele mesmo seja apenas um humano frágil e com o mesmo destino que o outro. Inicia-se assim uma concepção de que a morte é reconhecida como fraqueza na atualidade. Sendo a vida uma promessa de grandes prazeres como amor enquanto a morte espreita-se na morte por amor, suicídio ou acidentes com um psicológico emanando angústia. A verdade é que até a droga serve como elemento de mudança da consciência, fazendo analogia a viagens como fuga da realidade.

Para Kovács (1992) a adolescência é uma fase de transição para aquisição da identidade, rompendo limites e desafiando o mundo para conquistar espaço com seu novo status, possuindo novos conhecimentos para discordância das autoridades como

genitores. A menciona a preparação da vida útil na sociedade, construção do mundo pelo jovem, personificação do herói com energia vital voltada para a suas realizações, temendo o que ainda não viveu e sem espaço para pensar sobre a morte.

O adolescente está a caminho de seu auge, a morte não é uma possibilidade, logo há o desafio por esportes e o prazer em colocar-se em risco, às vezes até por “facilitadores” como álcool e direção perigosa no trânsito. Logo a morte viria como paradoxo desse momento de extrema pulsão e quando concreta desencadearia a possibilidade pessoal da própria mortalidade. A elaboração de perdas faz parte do cotidiano, desde amorosas às “pequenas mortes” simbólicas, no entanto ainda há um desconhecido ao lidar com a morte em vida, por isso é necessário identificar de que maneira o ser humano é capaz de trabalhar esse sofrimento conforme sua representação de morte.

1.1 Representação e Morte

Inicia-se apreendendo os estudos da representação da morte segundo as fases do desenvolvimento, envolvendo discussões acerca da questão do contato com a perda e percepção de mundo conforme a faixa etária e vivências dos indivíduos.

Para Kovács, o temor da morte está entrelaçado aos temores humanos associados à vaidade, assim como aos desejos de imortalidade relacionados ao aspecto físico de saúde e prazeres juvenis. A construção do mundo infantil permeia desde o falecimento de um inseto ao desaparecer de um adulto diante do bebê que ainda não crê num retorno da pessoa a desaparecer do seu campo de visão. Entretanto na adolescência, há um maior leque de possibilidades do que virá a ser posteriormente à força do desenvolvimento físico advindo de mudanças e morte do corpo infantil.

"Não nos iludamos, pois o que buscamos não é a vida eterna e sim a juventude eterna com seus prazeres, força, beleza e não a velhice eterna com suas perdas, feiúra, dores. Quantos "heróis" perderam a vida na busca da imortalidade! Não acreditamos em nossa própria morte, agimos como se ela não existisse, fazemos planos para o futuro, criamos obras e filhos, imaginamos que estes perpetuarão o nosso ser." (KOVÁCS, 1992, p. 2)"

Segundo Kóvacs (1992), a presença da morte concreta, seja por assassinato de alguém próximo ou ameaça disso em si mesmo, desencadeia uma quebra nesse sentimento de onipotência natural da adolescência, gerando mais sofrimento pelo sentimento de fraqueza proporcionado por essa derrota do “dragão da morte”. Associando novamente ao Romantismo, talvez encontremos uma metáfora e saída fantasiosa onde a morte por amor representa uma maneira de driblar o significado habitual de fracasso e desempenhar um sucesso amoroso, não esqueçamos o quanto a adolescência geralmente é permeada pela descoberta de paixões.

"O adolescente pode viver várias mortes concretas, com a perda de amigos, colegas, em acidentes, overdose, assassinatos, doenças. Apesar de viver a concretude dessas perdas, o pensamento adolescente conclui que a morte ocorreu por inabilidade, imperícia e que o verdadeiro herói, que é ele próprio, não vai morrer. Aqui está representada a busca e o desejo de imortalidade do ser humano, o seu desejo de ser herói, forte, belo e onipotente, com a grande missão de vencer o dragão da morte." (KOVÁCS, 1992, p. 5-6)

As perguntas do questionário discursivo foram elaboradas conforme a transição de fases de desenvolvimento e os participantes puderam falar livremente criando associações com eventos passados, permitindo uma maior reflexão do tema de luto recente com as experiências das quais eles lembram com mais intensidade, angústias atuais no convívio familiar com a de separação do ente querido falecido. Também foi possível investigar a ligação entre os laços afetivos nutridos por essa pessoa e a significação da ausência da mesma no cotidiano, causando alterações nas emoções.

1.2 Adolescência e Luto

A fim de compreender o efeito do luto em adolescentes, fora necessário estudar os conceitos e percepções de autores para a diferenciação desse acontecimento na fase específica, isso auxiliará novamente na interpretação do inconsciente manifestado no relato dos participantes.

Para Freud “[...] *O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.*” (FREUD, 1980, 275). O método

de Freud consiste em analisar o discurso e tentar analisar a interpretar do indivíduo com relação à morte e o significado da perda de um ente querido, relacionando isso à adolescência já é possível identificar um conflito natural por parte do próprio adolescente seguido da morte concreta que irá provavelmente ocasionar mudanças significativas em seu comportamento posterior e forma de lidar com a própria morte.

Para Aberastury (1989), o adolescente mesmo sem compreender o processo de morte, já passa por um processo de perda e a adaptação ao novo corpo causa estranheza, além de mudanças nas formas de interação com os outros, involuntariamente ou não. Há mudanças físicas e o ato de desempenhar um papel diferente diante dos outros. Obviamente, uma perda nessa fase pode somar angústias ao adolescente.

Aspectos do convívio social foram investigados conforme entrelaçarem-se com o conteúdo manifesto pelas fases de luto fundamentais dos participantes, como a idade e momento pelo qual precisaram distanciar-se das bases biológicas para a formação da identidade, a maneira com que enfrentaram as mudanças físicas proporcionadas pela idade e o sentimento de onipotência da infância amenizado por novas vivências em contraste com a possibilidade anterior proporcionada pelo núcleo familiar.

1.3 Os Estágios do Luto

Os estágios do luto podem ser entendidos como um direcionamento clínico afim de auxiliar o atendimento das sensações acometidas quando se entra em contato com a morte, a qual está atrelada ao conceito de terminalidade, sendo esse relativo pela variabilidade de representações e crenças dos indivíduos. A ideia de temporalidade está associada à reação comum despertada com a sentença de si ou do outro, o temor da morte é uma das características desse desenvolvimento.

Kovács (1992) explora tais reações de acordo com a fase na qual o sujeito encontra-se, pontuando os estágios do luto visando o tratamento da doença e respeitando a oscilação entre mecanismos de defesa de negação e deslocamento presentes em boa parte dos meses subsequentes ao óbito de um ente querido.

- Negação e Isolamento: após a notícia, as reações comuns geralmente são descrença seguida de choque e torpor.
- Raiva: A revolta pode ser uma saída inconsciente para minimização da angústia de negação, a expressão dos ressentimentos são importantes para avançar para as próximas etapas.

- Barganha: Geralmente associado a vivências de doenças, vincula-se ao sentimento de culpa.
- Depressão: um sentimento de perda ao redor, geralmente o profissional pode tentar contaminá-lo com seu entusiasmo, respeitando a elaboração de perdas anteriores.
- Aceitação: tranquilidade pela compreensão da irreversibilidade da morte, o silêncio pode predominar na maior parte do tempo como gesto de repouso das preocupações e luta com a morte.

De acordo com Freud, o luto pela pessoa amada desencadeia pela sua ausência o trabalho de luto, sendo comum a segregação ao tema de morte devido a expectativas de futuro, ou seja não se é pensado constantemente no assunto, havendo imprevisibilidade dos fatos, tentativa de compreensão dos acontecimentos que o desencadearam, o processo cognitivo da perda constituinte de fontes de estresse com as quais o enlutado precisa lidar sem o ser amado, um seguir adiante comprometido. Para isso, optou-se por uma metodologia que abrangesse a subjetividade do indivíduo através da coleta de discursos dos participantes.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

Foi realizada uma análise comparativa do discurso narrativo de duas adolescentes passando pelo processo de Luto, segundo a abordagem Psicanalítica, buscando identificar pontos de convergência, possíveis problemáticas, e os mecanismos de defesa utilizados pelas mesmas para justificar os sentimentos diante da perda concreta de um ente querido. Desse modo, optou-se por uma pesquisa qualitativa, através da utilização de entrevistas semiestruturadas.

Segundo Collins e Hussey (2005), a pesquisa qualitativa utiliza técnica de dados como a observação participante, história ou relato de vida, entrevistas e outros. A pesquisa qualitativa irá auxiliar na análise e interpretação do discurso conforme prosseguirem as narrativas. Dessa forma, a coleta de dados envolverá o registro dos relatos dos participantes de acordo com as características de sua história de vida envoltas em representações realizadas sobre o tema proposto na pesquisa e observações

que sejam pertinentes à manifestação de mecanismos de defesa a fazerem parte da elaboração do enlutado.

Além disso, os participantes poderão esclarecer suas visões anteriores à morte do ente querido e especificando sua concepção sobre a morte a partir do presente. Especificamente, fora adotado o método psicanalítico de investigação através do qual é possível encontrar estudos a cerca da perspectiva da morte conforme as fases do desenvolvimento.

Afim de investigar os dados obtidos, será utilizado como instrumento de pesquisa a História de Vida, através da qual os participantes voluntários terão oportunidade de realizar uma narrativa de acordo com os fatos marcantes de sua memória. Isso também permite compreender as motivações manifestas para o retraimento social e mudanças de comportamento ocorridas durante o luto dos adolescentes e a maneira como significam os eventos. O objetivo central de correlacionar a adolescência à experiência de elaboração do luto irá se manter e após a transcrição do contato com os participantes, os dados serão analisados e comparados entre si.

Compreende-se que o discurso é interpretado, buscando-se coincidências que permitam elaborar tipos de mudanças vivenciadas pelos adolescentes no processo de elaboração do luto. Tais alterações refletirão a realidade da subjetividade com que o assunto morte será abordado. Na reta final, a análise dos dados, perspectivas pessoais, tipos de mudanças identificados em adolescentes enlutados, detecção e mecanismos de defesa serão relatados e correlacionados ao referencial teórico conforme a interpretação psicanalítica, visando alcançar a veracidade dos estudos e a situação dos jovens nesse contexto morte.

2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram considerados como critérios de inclusão: a) ser adolescente e ter passado pela perda de um ente querido; b) Ter idade entre 18 anos e 20 anos; c) Aceitar participar voluntariamente da pesquisa; c) Concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram considerados como critérios de exclusão: a) Não preencher um dos critérios de inclusão; b) Recusar-se a realizar o relato da História de Vida.

2.3 Sujeitos da pesquisa

Foram entrevistadas duas adolescentes voluntárias que estão passando por processo de elaboração do luto por um ente querido, segundo os critérios inclusão e exclusão.

2.4 Análise crítica dos riscos e benefícios

A Resolução 196/96 CNS-MS prevê que pesquisas com seres humanos podem apresentar danos e riscos imediatos ou futuros aos sujeitos pesquisados. Visto isso, avalia-se que os riscos aos participantes das atividades em questão foram mínimos e podem configurar-se como constrangimentos aos entrevistados. Sendo assim, ressalta-se o compromisso de atender a todas as exigências éticas, abrangendo a coleta e análise dos dados adquiridos foi assegurado.

2.5 Procedimento de coleta de dados:

Em um primeiro momento, as participantes voluntárias foram submetidas a uma entrevista semiestruturada, também desenvolvida de acordo com a análise comparativa da personagem. Uma entrevista semiestruturada se caracteriza principalmente pela elaboração de perguntas básicas, apoiadas em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema sugerido. Tais perguntas permitem o surgimento de novas hipóteses a partir das respostas das entrevistadas.

Segundo a supracitada colocação, a demanda observada ao longo da vida por Maria Júlia Kovács em seus estudos de Tanatologia foi utilizada como foco de orientação para os questionamentos. Após a transcrição da entrevista, as respostas foram avaliadas e comparadas entre si, através da elaboração de categorias, sob uma ótica interpretativa fundamentada na psicanálise.

Nesse segundo momento, o discurso foi analisado, buscando-se convergências que permitiram elaborar as seguintes categorias descritivas: 1) Representações de si; 1.1) Representações sobre o corpo e o luto pelo corpo infantil; 2) Representações dos

vínculos; 2.1) O vínculo no lar; 2.2) O vínculo não vivido: luto idealizado; 3) O luto pessoal e compartilhado; 3.1) O dito e o não dito; 3.2) O luto adiado e os ritos funerários; 3.3) A morte que vem de surpresa; 3.4) A morte como não sofrimento; 4) As estratégias de enfrentamento.

As categorias refletiram resumidamente a realidade dos diferentes momentos relatados. Com a interpretação dos dados, as categorias e seus descritores foram correlacionadas com o referencial teórico psicanalítico.

Em um último momento, abrangendo o terceiro objetivo específico da pesquisa, todas as categorias elaboradas a partir da análise do discurso das adolescentes entrevistadas foram ampliadas a partir da correlação desses resultados com a análise do discurso de Maria Julia Kovács em sua obra *Morte e Desenvolvimento Humano* (1992). As novas categorias foram dispostas conforme organização no quadro a seguir. As discussões levantadas também foram orientadas segundo o referencial teórico psicanalítico.

2.6 Categorias de análise.

Categorias	Subcategorias
1. Representações de si	1.1 Representações sobre o corpo e o luto pelo corpo infantil
2. Representações dos vínculos	2.1 O vínculo no lar 2.2 O vínculo não vivido: luto idealizado
3. O luto pessoal e compartilhado	3.1 O dito e o não dito 3.2 O luto adiado e os ritos funerários 3.3 A morte que vem de surpresa 3.4 A morte como não sofrimento
4. As estratégias de enfrentamento	

Tabela 1. Categorias e subcategorias da Análise de Conteúdo

2.7 Breve apresentação das adolescentes participantes

Duas adolescentes participaram do presente estudo. A partir das entrevistas, alguns dados básicos foram coletados sobre as mesmas, assim como outros mais específicos sobre os sentimentos durante o processo de luto e contexto familiar a que estavam atreladas. Segue um breve resumo dos relatos de cada uma, sendo elas aqui nomeadas por de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas.

2.7.1 Adolescente Um

Adolescente Um é uma adolescente de 18 anos, brasileira, nascida em Manaus/AM, filha única. Possui uma família extensa devido à quantidade de tios (as). Com apenas um ano de idade, perdera a tia materna. No ano seguinte, o avô materno falecera. Construindo desde então um temor da morte de entes queridos e encontrando confiança na proteção dos pais. Durante a infância tivera bastante convívio com os

primos maternos, no entanto distanciando-se de um deles devido aos problemas do último com dependência química. Comenta a dificuldade da família em mencionar as perdas, identifica-se principalmente com a figura paterna e apresenta memória preservada para detalhes de marcos adolescentes como a menarca (primeira menstruação) compreendida com o auxílio da genitora e a elaboração da festa em comemoração à realização de seus 15 anos. Sobre a mesma fase, relata o afastamento da religião familiar, também verbalizando que “eu era um moleque quando criança” (sic) para posteriormente “eu era uma pré-adolescente certinha, educada e controlada” (sic). Atualmente está em processo de luto pelo falecimento da bisavó materna ocorrido no mês anterior à entrevista, reaproximando-se de uma religião em seguida.

2.7.2 Adolescente Dois

Adolescente Dois tem 20 anos, brasileira, natural de Belém/PA, residindo em Manaus há 11 anos. Sendo filha única da união estável entre seus genitores, convive também com a irmã mais velha fruto de relacionamento materno anterior. Aos 11 anos de idade, perdera o avô paterno. Dois anos depois falecera sua sobrinha afetiva paterna com apenas 02 anos de idade. Relata ter uma relação forte com ambos pais, alega problemas de saúde durante a infância que preocuparam os últimos incluindo o temor da participante de morrer, acrescenta ocasionalmente brigas com a irmã materna mais velha. Apresenta memória preservada para pessoas e eventos durante a adolescência, na qual precisou adaptar-se a novos amigos no ensino médio. Menciona que os conflitos com a irmã cessaram e ficou animada com as mudanças físicas pós-menarca, possuindo ajuda da mãe no empréstimo de livros sobre o assunto e diálogo com amigas da mesma fase. Relata que há um ano ocorreu a morte de sua antiga vizinha com a qual nutria uma relação de avó, sendo próxima à família desde a chegada a Manaus. Tendo presenciado o primeiro ritual fúnebre aos 19 anos, arrepende-se por não ter visitado a senhora semanas antes ao óbito.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através das entrevistas realizadas, percebeu-se claramente uma mudança de comportamento quando as participantes verbalizam sobre o Luto mais recente, com tom de voz choroso denotando angústia, ambas deixando tais acontecimentos para o final da entrevista, adiando o tema que as sensibilizava. Os relatos denotam compartilhamento familiar de estratégias de enfrentamento, as quais estão vinculadas a um resgate de perdas ocorridas durante a infância, através da experimentação da morte concreta do outro como ameaça à integridade física de si e dos entes queridos. A transição da puberdade à adolescência é evidenciada em menções a adaptações e tendência à grupalização como forma de ampliar os vínculos geralmente familiares e recorrer à racionalização para entender as mudanças físicas, amenizando a perda simbólica pelo corpo infantil através de leituras recomendadas pelas mães, as últimas servindo como referência física e emocional.

A seguinte análise dos resultados foi estruturada a partir da elaboração de categorias que consideraram principalmente as convergências nos discursos das adolescentes. Uma vez elaboradas essas categorias, elas foram divididas em subcategorias com os relatos mais frequentes dentro do discurso analisado em cada uma. A discussão de cada categoria e subcategoria se sucedeu a partir do uso de um referencial psicanalítico, do qual a fundamentação teórica do presente estudo foi utilizada como ponto de partida.

As novas categorias apontaram tanto as convergências quanto as divergências encontradas entre as participantes, sendo levantados discursos de acordo com a relevância demonstrada pela narrativa e a associação com o tema de Luto no contexto familiar em que estavam inseridas justificando cada categoria.

3.1 Representações de si

Através das representações presentes nos discursos das adolescentes, percebe-se de que forma a dinâmica da relação familiar influencia na elaboração do processo de luto, onde se encontram pontos de convergência e divergência na maneira de interpretar e lidar com a morte no imaginário de cada uma, de que forma foram vivenciados os lutos compartilhados anteriormente e como eles eram assimilados pelas participantes ao longo da vida.

Percebeu-se que as convergências foram bem mais frequentes do que as divergências no que tange as condições e os desdobramentos da morte observada no âmbito religioso e a busca por ressignificação do trauma. Os pontos que mais se diferiram se encontraram na forma de lidar com as manifestações de sofrimento e na tendência ao silêncio familiar evitando detalhes referentes ao contexto através do qual o ente querido viera a óbito. Considerando a importância dada pelas duas adolescentes a todos esses aspectos, foram elaboradas as seguintes subcategorias de resultados.

3.1.1 Representações sobre o corpo e o luto pelo corpo infantil.

Quando se pensa na condição de adolescente, pensa-se também na ideia de fase, Aberastury e Knobel (1989) estudam a adolescência conforme a mesma sendo um processo humano de reconhecimento de uma verdadeira totalidade do conhecimento da psicologia evolutiva, considerando esse período como um fenômeno específico dentro do desenvolvimento do ser humano. O modo como a pessoa posiciona-se diante das mudanças físicas, segundo a teoria psicanalítica, estará interligada à imposição biológica por mudanças.

"Podemos dizer que o adolescente realiza três lutos fundamentais: a) o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e a identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de sê-lo." (ABERASTURY, 1989, p. 25).

As figuras paternas podem ter relação direta com o sentimento de aceitação pelo corpo infantil, no caso a Menarca é comumente referida como um momento assustador para a menina, sujeita a uma série de alterações biológicas, podendo até mesmo rejeitá-las psicologicamente. Para Aberastury (1989) isso é relativo, dependendo da dinâmica familiar e originando uma oportunidade de aflorar uma aceitação da feminilidade e dos prazeres advindos das descobertas genitais.

"Quando as fases genitais precoces e a sexualidade em geral são mais aceitas pelos pais, e quando estes mantém uma relação harmoniosa, proporcionando então uma imagem externa de cena primária positiva, o aparecimento da menstruação pode ser vivido como uma confirmação da sexualidade feminina e iniciar então, na moça, uma verdadeira etapa de satisfações e realizações genitais muito positivas." (ABERASTURY, 1989, p. 49).

Ainda que a rejeição propriamente dita não tenha estado presente no caso das duas adolescentes entrevistadas, todas recorrem à figura materna visando minimizar o conflito interior inicialmente desconhecido. No caso da primeira adolescente, aqui indicada como Adolescente Um, a notícia foi inesperada devido à idade prematura.

Foi cedo, minha primeira menarca foi aos nove anos, então foi um tanto quanto constrangedor no início porque eu era mais nova da turma, inclusive era a única que tinha passado por isso (...) No princípio eu não sabia identificar o que é aquilo e eu falei com minha mãe, ela disse que eu tinha menstruado (...) Eu falei "É o quê? Isso não é possível", aí ela disse que eu ia começar a desenvolver seios e ahhh tá (Adolescente Um)

A empolgação em si apenas não se concretizou por causa dos esclarecimentos de Aberastury (1989) sobre o luto pelo corpo infantil, as falas denotam a inspiração materna vinculada à admiração pelo corpo da genitora, o qual servirá como espelho para a expectativa da moça, conforme cita:

Como tudo aconteceu meio cedo e eu sempre procurei entender o porquê de aquilo, eu sempre fui muito prática, eu pegava um livro e ia ler o porquê disso tá acontecendo ou ia perguntar pra minha mãe por que meus seios estavam crescendo e tem pelos pelo meu corpo (...) ela falava 'ah é normal, é natural, você não vê a mim? É assim que você vai ficar' (...) Eu ficava feliz, minha mãe era muito bonita. .(Adolescente Um)

No caso da segunda adolescente, nomeada como *Adolescente Dois*, o surgimento da Menarca possibilitara trocas de informações com tendência à grupalização pelas

conversas sobre o tema com amigas que estavam passando pela mesma situação, contudo também recorreu à mãe para esclarecimentos.

Eu conversava com as amigas, porque tava todo mundo na mesma fase, e com mamãe, ela nunca teve problema quando eu tinha alguma dúvida, ela me dava muitos livros pra me informar das coisas. (Adolescente Dois)

Aberastury (1989) também explora tal importância da tendência grupal por parte do adolescente em busca da uniformidade segura em contraste com a presença dos pais com certa frequência começar a ser desnecessária. Além do grupo reforçar a identidade do jovem diante da necessidade de deixar de forma ágil atributos infantis, porém tal fenômeno de microluto só é bem observado quando abrange a vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos ao seu redor, dessa maneira a sociedade faz com que seu universo singular seja permeado pelas figuras com que estabeleceu vínculo ao longo da vida, sendo as representações dos vínculos, exploradas a seguir, informações importantes para compreensão de sua personalidade.

3.2 Representações dos vínculos

Em Adolescência Normal – Um Enfoque Psicológico, Aberastury (1989) explora o quanto a realização evolutiva do infante é baseada nas relações interpessoais de sua infância, a qual perderá com o luto pelo corpo infantil e luto pelos pais da infância, levando-o à instabilidade que constitui tal fase. O mundo do adulto, logo, pode reagir de diferentes maneiras à flutuação de humor imprevisas dos filhos. A forma como as relações de afeto são desenvolvidas criam o ambiente onde qualquer pessoa construirá sua relação com o mundo, as estruturas psíquicas e manejos das mesmas, por isso a necessidade de previamente compreender de que maneira esse contexto é elaborado pelo adolescente.

3.2.1 O vínculo no lar

Utilizando como palco para essas primeiras relações, quando o filho nasce, a família assume um papel fundamental no desenvolvimento do adolescente. De acordo com Freud (1912) a sociedade é uma instituição humana universal caracterizada por uma cultura cuja condição simbólica está interligada a fatores biológicos. Logo existe

uma abrangência de processos inconscientes que se desenvolvem no comportamento humano. A fim de analisar a constituição psíquica dos participantes, fora necessário levar em consideração o interior da dinâmica familiar.

Os estudos até então empreendidos revelam a importância da qualidade dos vínculos afetivos familiares mostrando que os adolescentes recorrem aos mais íntimos em busca de apoio e até mesmo inspiração inconsciente na elaboração de sua identidade. A qualidade desses vínculos pode ser percebida na forma como as relações com os genitores são verbalizadas, por exemplo um laço forte com determinada figura parental devido às manifestações de afeto direcionarem-se a ele. Observa-se diferenças no discurso de ambas adolescentes.

(...) Mamãe nunca foi muito de demonstrar afeto, ou pelo menos naquela época eu não via muito isso nela; meu pai não (...) Na época a gente não passava muito tempo juntos, quando a gente ficava juntos era a maior diversão, parecíamos duas crianças brincando (...) A minha mãe já era aquela que ditava os limites até onde eu podia ir, de não faça isso, foi sempre ela que me explicou por que não fazer isso, ela é meu senso de justiça, ela que me instruiu do certo e errado (...) Meu pai era a brincadeira, a diversão, era a pessoa mais próxima de mim entre os dois. (Adolescente Um)

A relação com minha mãe é forte, a gente se dá super bem, a gente praticamente não briga, muito raro isso acontecer, eu falo com ela, conversa com ela, a gente sai muito juntas (...) Com o papai também é forte, eu sou muito próxima dos meus dois pais, eu sou muito carinhosa com eles, eu tenho ciúmes dos dois por sinal, e a gente se dá muito bem, eu sempre falo com eles, sempre saio com eles. (Adolescente Dois)

Como mencionado anteriormente, há importância do estabelecimento de vínculo com as figuras paternas, contudo a ausência disso pode ser explorada através de outros integrantes da mesma família a desempenharem papel similar na percepção do sujeito.

De tal forma, *Adolescente Um* estabeleceu identificação com sua avó paterna correlacionando-a à figura matriarcal em suas verbalizações a seguir.

Ela até hoje é a minha segunda mãe praticamente, era pra onde eu ia quando saía da escola durante a semana (...) É a pessoa com quem eu tive mais convivência, minha segunda mãe, ela que me ensinou a ler a escrever, ela que me instruiu a maioria das coisas. (Adolescente Um)

O contexto familiar de *Adolescente Um* mostra-se bastante presente nas escolhas religiosas, revelando o potencial dos vínculos para a sucessão de indivíduos descendendo crenças, valores e normas sociais. Chegando a possuir resistência a religiões distintas durante a infância.

Minha avó paterna era Testemunha de Jeová, e ela me levava desde criança até meus 12 anos que foi quando eu meio que larguei de mão de qualquer religião mas eu continuava indo pra igreja católica, a família da minha mãe é quase toda católica mas eu tive muita convivência com ambas as religiões (...) Eu aprendi muito sobre o catolicismo e eu não gostava do evangelicismo (...) Quando eu fui apresentada pro evangelicismo eu tava tão fechada pra outras religiões... Eu tinha pra mim que eu era Testemunha de Jeová quando criança, então eu meio que excluía as outras religiões a minha volta. (Adolescente Um)

Sobre a elaboração da identidade, Knobel (1989) relata a variedade de posicionamentos que o adolescente pode exercer ao longo de suas reflexões, isso pode estar associado ao temor da morte dos entes queridos ou prematuramente. Durante seu relato, *Adolescente Um* esclareceu o distanciamento da religião Testemunhas de Jeová, conforme exposto na fala a seguir.

Aos doze anos eu comecei a parar de ir pra casa da minha avó paterna e nessa época eu fiquei meio confusa sobre que religião seguir .(Adolescente Um)

Engana-se quem pensa que as relações no lar ocorrem apenas no direcionamento de emoções apenas aos vivos. De maneira não sobrenatural os entes queridos falecidos permanecem vivos nas lembranças transmitidas transgeracionais, logo é possível nutrir sentimentos e até mesmo adquirir inspiração em quem já morreu, desde personalidades famosas a familiares, com isso existe um vínculo não vivido contudo um luto sentido através da idealização conforme exposto na próxima categoria.

3.2.2 O vínculo não vivido: luto idealizado.

O relato de *Adolescente Um* denota idealização do luto de sua tia materna, a qual faleceu quando a participante tinha apenas 01 ano de idade, fase cuja cognição não permitiria as lembranças referenciadas. No entanto, ela verbaliza sentir saudades de alguém com quem não possuiu vivências, conhecendo apenas pelas virtudes contadas ao longo de sua vida.

Eu tinha um ano quando ela morreu, foi ela que me deu o segundo nome, foi ela que escolheu (...) É a pessoa que eu mais sinto falta de toda essa família, eu queria muito ter convivido com ela, que mesmo quando estava doente nunca perdeu o brilho no olhar de dizer que ia viver, ela que muitas vezes assim quando eu me pego pensando em coisas erradas é nela que eu busco um pouco de força .(Adolescente Um)

Knobel (1989) faz referência à necessidade do adolescente fazer identificações projetivas com imagens muito idealizadas que lhe garantam a continuidade da existência de si mesmo. A transformação em adulto envolve o luto pelos pais da infância que não poderão mais ser vistos como ídolos, logo há possibilidade do jovem recorrer a outros estabelecimentos de vínculos compensatórios ou uma referência idealizada para ela.

Quando eu fico irritada com minha mãe e meu pai, eu penso poxa se ela aguentou tudo isso ahh isso não é nada.(Adolescente Um)

O diálogo acima evidencia a representação da figura da tia para a adolescente, utilizando-se do luto idealizado para minimizar a angústia por conflitos com os pais ou apropriando-se de uma figura para nutrir a necessidade de representação numa fase correspondente à “desidealização” dos genitores. Afinal a família é uma das unidades de integração social com que o indivíduo possui mais contato desde seu nascimento, desenvolvendo através dos laços estabelecidos uma sensibilidade para compartilhar emoções e, até mesmo, o próprio luto experimentado também grupalmente como leremos a seguir.

3.3 O luto pessoal e compartilhado

Segundo Rehbein (2013) a transmissão psíquica geracional acontece por mecanismos inconscientes através da linguagem e dimensões do imaginário. Os vínculos ultrapassam campos intersubjetivos restritos ao indivíduo. A herança genealógica pode ser elaborada no decorrer do tempo. Em ocasiões traumáticas, a família pode transmitir tal forma de lidar com os eventos por meio da cultura e simbolismos. No caso das adolescentes entrevistadas, isso fica evidente na verbalização de *Adolescente Dois* repressão ao choro advindo do sofrimento ao ver o pai chorando.

Então quando a gente recebeu a notícia de que ele tinha morrido, eu lembro que acordei aí vi o papai sentado na mesa meio triste e perguntei pra minha mãe o que aconteceu, por que meu pai tava chorando, e ela me falou que o vovô tinha morrido, eu comecei a querer chorar só que a mamãe falou “Não, Não Chora”, aí eu segurei. (Adolescente Dois)

Tal exercício de empatia está associado ao compartilhamento do luto, antes vivenciado por apenas um membro da dinâmica familiar. *Adolescente Dois* não possuiu muito convívio com o avô e ao receber a notícia atrelada à emoção paterna também mobilizou-se. Tal forma de lidar também é um mecanismo de enfrentamento compartilhado entre família.

A família funciona como um espaço de transmissão intergeracional pois permite a passagem de valores e comportamentos para a geração mais próxima através da educação dos genitores, algo mais evidente no discurso de Adolescente Um enquanto Adolescente Dois apresenta uma categoria pouco distinta intitulada transmissão transgeracional no qual o inconsciente está evidenciado por não necessariamente saber-se a origem desses costumes, nem sempre verbalizados mas permanentes no imaginário e também na percepção do sujeito como a fala a seguir na qual Adolescente Um acredita que a morte de sua bisavó paterna tenha influenciado ser mais presente na igreja.

A família da minha mãe é quase toda católica (Adolescente Um)

A morte da minha bisavó talvez tenha me influenciado na questão de eu ser mais presente na igreja. (Adolescente Um)

A fala acima revela algo comum após a morte concreta, a busca pelo divino como enfrentamento da angústia e controle do incontrolável, ou seja a morte. Esses mecanismos são compartilhados e a busca pela integração familiar nos momentos traumáticos visa a minimização da angústia individual. O próprio ritual fúnebre é uma tradição que Freud (1912) explora como uma necessidade cultural de amenização do sentimento de culpa pós-falecimento de um ente querido.

Adolescente Dois ainda apresenta traços arredios de sua personalidade como a dificuldade de apresentar-se publicamente e exercer opiniões coletivamente, havendo a possibilidade distante de estar vinculado à necessidade de autocontrole, na infância internalizada pela elaboração da espontaneidade diante dos pais que inconscientemente lançavam mensagens de repressão, gerando insegurança.

Eu não gosto de falar na frente de muita gente, eu acho intimidante, tenho vergonha (...) Se tiver muita gente, provavelmente não vou falar o que eu acho, expressar minha opinião, eu guardo pra mim. (Adolescente Dois)

Para Freud (1912) a inibição e a culpa são heranças de disposições psíquicas, sendo tratadas como transferência mas sempre atreladas ao contexto da

transgeracionalidade diante da capacidade de adquirir determinados comportamentos inconscientemente por meio de ações de terceiros.

Tal associação também ocorre após o falecimento da vizinha de *Adolescente Dois*, quando conteve a vontade de chorar e apresentou quietude na sala de aula, reproduzindo o comportamento dos genitores após o episódio dentro do carro.

Quando eu falei que ela faleceu ficou um silêncio mórbido no carro, todo mundo meio quieto e eu lembro que segurei o choro nessa hora. Eu segurei mesmo, acho que foi por causa da época que o vovô morreu em que a mamãe falou que era para eu não chorar (...) Eu lembro que a gente foi pra aula, aí eu fiquei na aula, tava toda quieta. (Adolescente Dois)

Na verbalização acima a própria participante realiza a associação de sua reação com a lembrança da ordem para não chorar emitida pela mãe na época do falecimento de seu avô paterno. Para Freud (1974) a identificação irá construir-se através da introjeção do objeto no eu, sendo resultado de uma vinculação ao objeto libidinal, agindo de maneira regressiva. Todavia investigar esse processo de projeção das angústias abrange a história de vida do sujeito. Estudar o que alguém vivenciou e escutou desde seu convívio como infante é também considerar a importância do que não é dito mas permanece presente nas situações, algo a ser explicado a seguir.

3.3.1 O dito e o não dito

Kovács (1992) explora o trabalho psicanalítico com crianças e a percepção que as mesmas possuem de fatos que lhe são ocultados, geralmente a criança já possui uma representação da morte. Alguns adultos tentam preservar os filhos de temas que possam mobilizá-los, contudo isso pode ser notado em comportamentos espontâneos dos pais remetendo à situação de que há algo errado e as crianças podem associar espontaneamente isso ao luto conforme a fala a seguir quando perguntada a razão do falecimento.

Isso é um mistério, minha mãe nunca me contou, minha mãe conviveu muito tempo com ela e elas eram irmãs muito próximas e a perda da minha tia pra minha mãe foi muito

dolorosa (...) A gente sente que ela ainda tá de luto.
(Adolescente Um)

No diálogo acima o tamanho da dor está associado à extensão do vínculo, a perda de uma irmã com quem havia proximidade. O significado atribuído à morte por Adolescente *Um* é negativo, revelando que durante a infância já possuía conhecimento da irreversibilidade da morte embora memorize idealizações para o falecimento da tia materna.

Eu tinha muito medo, por eu ter sido muito protegida na infância eu tinha medo de absolutamente tudo (...) Eu não gostava de falar no assunto, era uma coisa assim que me doía muito, até mencionar, por isso até hoje eu tenho medo de filme de terror porque eu tenho medo da morte (Adolescente Um)

O temor da desvinculação ocorre tanto durante a infância de *Adolescente Um* quanto na adolescência de *Adolescente Dois* diante do luto recente.

Eu ficava meio que “eu não quero mais perder ninguém que eu ame e que me ame”. (Adolescente Um)

Logo no início eu fiquei com medo de mais pessoas bem próximas de mim morrerem (Adolescente Dois)

O medo da morte é comum diante de crianças e adolescentes que presenciaram o luto pessoal ou compartilhado. Para Kovács (1992) a morte assumiu um novo traço atualmente, não é mais interpretada como natural e adquiriu o significado de fracasso. O adolescente, para a autora, possui confiança de que a morte acontece apenas com o outro, crê na sua onipotência e quando confrontado com a morte concreta precisa lidar com a própria mortalidade. Logo assuntos como morte tendem a ser evitados afim de que as expectativas sociais impulsionem o jovem para o futuro.

(...) Eu tinha medo de escuro e tinha medo de morte, e eu não gosto da ideia de voltar àquele lugar (Adolescente Um)

Eu tento não pensar muito nisso porque eu acho que se eu ficar pensando vai ser pior. (Adolescente Dois)

Na clínica psicanalítica, o não dito age como precursor de informações poderosas sobre a angústia, por vezes significando informações relevantes que por tanto mobilizarem podem ser negadas verbalmente como mecanismo de defesa à integridade do aparelho psíquico. O episódio do carro ocorrido após o falecimento da vizinha de *Adolescente Dois* demonstrou o silêncio transferencial no âmbito familiar e, para o grupo, assumiu um significado evidente de sofrimento pois os integrantes já possuíam percepção do significado atribuído ao emudecer diante da morte. Conforme retomado a seguir.

Quando eu falei que ela faleceu ficou um silêncio mórbido no carro, todo mundo meio quieto e eu lembro que segurei o choro nessa hora. Eu segurei mesmo, acho que foi por causa da época que o vovô morreu em que a mamãe falou que era para eu não chorar. (Adolescente Dois)

Mas o luto não é presente apenas verbalmente, existe uma necessidade de lidar com ele e as pessoas elaboraram uma maneira singular para isso, variando dependendo a cultura existem os ritos funerários, porém nem sempre a presença dos vivos acontecem, num gesto de evitar o sofrimento que pode ser manifestado nesses momentos, criando um fenômeno de adiamento do luto cujo estudo proporcionou a próxima categoria.

3.3.2 O luto adiado e os ritos funerários

Quando perguntada como fora a época de falecimento de seu avô paterno, *Adolescente Dois* comentara a respeito de ter visto o pai chorando e do próprio choro ser silenciado pela figura materna. Em seguida traçou a associação de ficara triste devido à emoção da figura paterna, conforme exposto abaixo.

Eu lembro que fiquei triste, depois eu meio que esqueci, só lembro que fiquei chateada porque o papai tava bem triste porque o vovô era o ídolo do papai, o papai era muito próximo do vovô e ele tinha muitas manias iguais do vovô (...) O papai não quis ir pro velório do vovô, ele foi o único irmão que não

compareceu, a justificativa era que ele queria lembrar do vovô vivo e não do vovô num caixão. Como a gente tava na época de aula também não fui pro velório (Adolescente Dois)

Segundo Kovács (1992), a primeira reação diante da perda de uma pessoa amada é a negação, e se o adulto reforça esse gesto dificilmente passará para outras fases do luto. A família de *Adolescente Dois* possui essa tendência ao silenciamento de uma perda como se adiasse senti-la. Em outra fala exemplifica a reação no velório.

A gente viu todos os filhos dela, os netos, abraçamos todos, eles também são bem próximos da gente. E a gente ajudou a consolar, né, quem tava mais triste assim. (...) A mamãe ficou muito triste porque a mamãe amava muito ela, então até a mamãe chorou (...) Ela ficou bem abalada assim (...) Agora o papai, ele não gosta de chorar, então é aquela coisa criada naquela época de que homem não chora, então ele tava segurando muito, muito mesmo, mas no dia do enterro ele não conseguiu, ele chorou, eu também não consegui, nossa, chorei muito, foi a primeira vez que fui ao velório, primeira vez que fui a um enterro também (Adolescente Dois)

No trecho exposto, a mobilização envolveu o ambiente, familiares da vizinha falecida e o compartilhamento, possibilitando, embora a educação repressora do pai que ele também se externalizasse seus sentimentos. Até então, *Adolescente Dois* ainda não havia presenciado um rito funerário. Durante a leitura da obra de Freud (1912) é possível compreender esses momentos póstumos como uma ritualização para elaboração do luto, negada pelo genitor da participante durante o falecimento do avô paterno.

A negação é o primeiro estágio de um luto segundo Kubler-Ross (1969) e surge porque é impossível lidar com a questão da morte o tempo inteiro, logo geralmente há uma reação inicial de choque seguida de torpor. No caso da *Adolescente Um* também houve menção a esse estágio quando notou a irreversibilidade da morte da bisavó, conforme exposto a seguir.

A minha ficha só veio cair num domingo de Páscoa quando tava toda a família ali e ela não tava, nessa noite chorei muito, eu sabia que ia sentir muita falta de conversar com ela.
(Adolescente Um)

O ritual póstumo é por vezes “odiado” justamente pelo temor da angústia desestruturar a organização psíquica e o impacto ser maior. Kubler-Ross (1969) explora a dinâmica familiar diante da internação de um paciente, quando as pessoas começam a assumir funções que eram de responsabilidade dele. Durante as descrições, *Adolescente Um* descreve sua bisavó como uma mulher forte que ainda mandava nas filhas e exercia um papel de autoridade na família.

Ela sempre foi muito carinhosa, muito brincalhona inclusive, nos últimos momentos (...) Ela era a matriarca dessa família, então todos tinham um respeito para com ela. E ela tinha muita garra, muita fibra, ainda mandava nas filhas com 99 anos de idade. (...) Quando minha bisavó morreu eu vi que era hora de ser mais responsável comigo e com a minha família.
(Adolescente Um)

Abaixo compara-se as distintas reações entre ambas participantes diante da presença nos ritos funerários, as circunstâncias são distintas no entanto permanecem elementos como o compartilhamento da dor e exaustão psicológica.

A principal mudança de comportamento é que eu não consigo mais olhar o local onde foi feito o velório dela e esquecer as imagens que vi da minha família chorando, sofrendo (...) Eu não consigo mais olhar para aquele local e não lembrar disso
(Adolescente Um)

Eu chorei muito, nossa (...) Foi a primeira vez que fui num velório e num enterro, eu lembro que fiquei muito cansada (...) Depois do enterro eu me acalmei mas eu lembro que fiquei bem triste durante dias (Adolescente Dois)

Para Kovács (1992) os ritos estão sempre atrelados ao contexto do temor de que os mortos voltassem para importunar ou aterrorizar os vivos. Existindo o medo do contágio, da decomposição e doenças envolvidos, por isso a elaboração de técnicas de conservação dos corpos, servindo luto para purificar os sobreviventes do sentimento de culpa ou proteger os últimos dos falecidos. Na mídia há um grande investimento cinematográfico e literário sobre o imaginário de zumbis e outras histórias. No contexto de *Adolescente Dois*, sua família não realizou uma visita à vizinha antes do falecimento, ocasionando culpa na adolescente.

Eu tava assim “a vovó não vai morrer agora não, ela é fortuna” (...). Ela tava muito mal e eu tava tentando falar com a minha mãe pra ver ela (...). A gente soube que só familiar mesmo que podia visitar e acabou que a gente não foi” (Adolescente Dois)

Coincidentemente, o primeiro velório a que *Adolescente Dois* compareceu foi aquele em que houve possibilidade de estabelecimento do sentimento de culpa devido à ausência numa visita anterior à “avó” (sic) ir a óbito, de acordo com a verbalização a seguir.

Fiquei triste porque eu queria ter ido falar com ela antes dela morrer e fazia um tempo que eu não tinha falado com ela (...). As lembranças, toda vez que eu vou tomar café que eu ia lá com ela. (Adolescente Dois)

É interessante considerar que parte do sofrimento vivenciado com a perda decorre do inesperado, a morte por si é algo contrastante com a adolescência. A última exacerba vida e expectativas de um futuro, logo é compreensível o quanto esse sentimento de surpresa pode mobilizar a vida de qualquer pessoa, sendo fundamental não ignorar de que forma isso acontece.

3.3.3 A morte que vem de surpresa

Para Kovács (1992) o contexto em que a morte aconteceu tem importância no processo de elaboração do luto. Mortes inesperadas tendem a ser complicadas por surgirem repentinamente e promoverem a sensação e impotência diante de, geralmente, acidentes. Acarretam desespero e deixam marcas nas memórias. Quando não existem

informações suficientes de que maneira alguém veio a óbito isso compromete a maneira como alguém lida com a notícia. Os sentimentos de culpa podem ser recorrentes e surgirem até mesmo tentativas de suicídio desencadeadas pela angústia. No caso da *Adolescente Dois*, aconteceu o falecimento de sua sobrinha com apenas dois anos de idade.

Foi uma surpresa porque ninguém realmente tava esperando. Ela ficou doente, ela foi em vários médicos e o último mandou internar porque ela tava com pneumonia (...) A gente tava todo mundo assim Agoniado porque é uma criança, tinha quase dois anos e ela tava internada, tava todo mundo pensando que ela vai ficar bem (...) A gente recebeu uma ligação de madrugada falando que ela tinha falecido, eu não lembro direito dessa época mas quando a mamãe falou eu tava chocada (...) A gente não espera que uma criança de dois anos vá morrer (...) Ficou todo mundo meio baqueado com a notícia. (Adolescente Dois)

Não há mais dados da reação dos familiares mais próximos à criança, contudo o inesperado é evidenciado na verbalização acima. Tratando-se da infância, existem expectativas sociais de um futuro, planejamentos acontecem na mente de genitores e parentes próximos. É praticamente inconcebível o falecimento de alguém cuja imagem popular e religiosa apresenta inocência e pureza.

Minha mãe falou pra mim que ela tinha sido entubada, eu meio que já tava ciente do que tava prestes a acontecer. (Adolescente Um)

A situação de *Adolescente Um* envolveu um período de cuidados de sua bisavó materna com 99 anos de idade, o processo de luto pode ocorrer com a pessoa ainda viva, uma espécie de preparação onde é sentida sua perda através da internação. O paciente ainda não faleceu no entanto essas perdas já são elaboradas cuidadosamente distinguindo-se da situação de crianças onde geralmente é bastante inesperado. A degeneração física ou psíquica no decorrer do tempo ocorre com frequência em pessoas pertencentes a idades avançadas. Esse processo de cuidados poderá gerar sentimentos

ambivalentes como o desejo de que o ente querido morra afim de amenizar o sofrimento de ambos, despertando culpa posteriormente. O trecho a seguir evidencia tais episódios.

Um dia antes dela falecer, eu tava conversando com o papai. Eu lembro que o papai falou “espero que ela morra logo porque eu não quero que ela fique sofrendo, ela não merece passar por isso”, eu falei “é melhor mesmo do que ficar sofrendo” e no dia seguinte ela faleceu (Adolescente Dois)

Na terceira perda de *Adolescente Dois*, é possível notar a ambivalência dos sentimentos compartilhados com o genitor e o sentimento de culpa posterior ao falecimento. No entanto a elaboração do processo de perda, conforme explorado nos estágios de luto por Kovács (1992), abrange sua aceitação e, embora resistente a princípio, a mesma constrói-se com a finalidade de encarar a angustiante realidade para seguir adiante, originando uma percepção de não sofrimento da morte.

3.3.4 A morte como não sofrimento

Visto que a questão religiosa esteve presente em alguns momentos do presente projeto, é necessário dissertar de que maneira ela possui uma grande função na justificativa para mistérios da vida e da morte desde os valores às crenças adquiridas socialmente. Kovács (1992) aborda a função social da psicologia da religião, destacando o quanto a vida eterna sempre fora um desejo do homem. A sensação de segurança minimiza o terror da ideia de morte, simultaneamente trabalhando a ideia de finitude.

Segunda a autora, existem três medos fundamentais: medo de morrer, medo do que vem após a morte e medo de extinção. Contudo nos relatos abordados compreendemos a tanatologia atrelada à religião como uma forma de amenizar a angústia dos familiares sobreviventes, por vezes justificando determinado evento traumático por um bem estar divino. Essas variáveis dependem do tempo, espaço e probabilidade do falecimento. Sempre vinculando-se às circunstâncias individuais do sujeito. No diálogo a seguir, *Adolescente Um* fala sobre o falecimento do avô materno seguinte à morte da tia da adolescente.

Ele já havia passado mal várias vezes mas se agravou pela morte da minha tia, muitas pessoas da família comentam que

talvez ele não suportou a dor quase um ano certinho depois, minha tia morreu em Janeiro e em Janeiro do ano seguinte meu avô morreu (Adolescente Um)

A maneira como alguém lida com o falecimento de um ente querido possui relação com a representação da morte do indivíduo, dessa maneira os familiares de *Adolescente Um* possuem a percepção de que uma morte antecipa a outra, justificando a proximidade das perdas e proporcionando uma visão de morte com propósito ao unir o sobrevivente à filha falecida. Posteriormente ao óbito da tia, *Adolescente Um* menciona de que maneira ocorria a lembrança.

Minha avó não comenta sobre a morte do meu avô mas de vez em quando ela comenta sobre a minha tia Socorro, que ela era muito alegre e que ela era muito divertida e principalmente que ela era muito bonita (...) O impacto que isso causou na minha família foi bem grande, até hoje a gente comenta os fatos, a gente brinca mas é notável o quanto é difícil para eles tocarem no assunto, o quanto ainda dói a perda mas é uma coisa que a gente vai superando e pensando que a ferida ainda está cicatrizada mas às vezes toca lá e sente um arrepio (Adolescente Um)

Na situação exemplificada acima, a família possui a necessidade de silenciar sobre a morte contudo a tia existe nas suas virtudes, uma tentativa de esquecer as informações mobilizadoras do evento traumático e reelaborar o processo de perda. Algo semelhante fora citado por *Adolescente Dois* durante o relato correspondente ao falecimento de seu avô paterno.

O papai falou que não era pra ficar triste porque o vovô taria num lugar melhor do que aqui, que aqui ele tava sofrendo muito. (Adolescente Dois)

Anos mais tarde, *Adolescente Dois* apresentou retomada da defesa do não sofrimento utilizando-se do discurso de vida após a morte ensinado pelo pai durante a infância.

Depois do enterro eu me acalmei mas eu lembro que fiquei bem triste durante dias, toda vez que eu pensava nela tinha vontade de chorar mas com o tempo eu fui conseguindo me acalmar pensando que ela tava num lugar melhor, que não tava sofrendo. (Adolescente Dois)

De modo geral, ambas adolescentes encontraram recursos para ressignificarem a morte, acrescentando o propósito de minimização da pessoa enferma e se utilizando de discursos promovidos por familiares, tocante ao tema de transmissão psíquica transgeracional no qual o luto e visão da morte é compartilhado pelos integrantes do lar. Com a onipotência da medicamentação, após recorrer a tratamentos hospitalares busca-se uma interpretação religiosa dos eventos para reelaborar o luto, fornecendo dessa forma um controle sobre o incontrolável.

A busca por resolução de problemas sugere o esforço para administração do sofrimento psíquico decorrente do luto, um anseio por analisar os próprios sentimentos experimentados e, independente das dificuldades, considerar todo o contexto para a regulação do autocontrole. Logo o indivíduo pode recorrer ao ambiente externo associando elementos de suas vivências afim de criar estratégias de enfrentamento presentes durante gerações ao passo que isso se torna importante na próxima categoria.

3.4 As estratégias de enfrentamento

Para Feifel (1959) os fatores que contribuem para redução do temor da morte são a maturidade psicológica do indivíduo, o aconselhamento, envolvimento religioso e capacidade de enfrentamento. Sendo a última identificada como uma estratégia positiva de lidar com a repercussão psicológica e social de determinado evento, no presente projeto trabalhar especificamente o processo de elaboração da morte de um ente querido.

Dentre as estratégias de enfrentamento já mencionadas e encontradas nos relatos, incluem-se o silêncio sobre a morte do avô, percebida nas falas de *Adolescente Dois* ao não ter permissão para chorar, a idealização do ente querido falecido realizada por *Adolescente Um* exaltando as qualidades da tia e evitando detalhes depressivos sobre os fatos precedentes ao óbito, a ritualização da perda com o primeiro comparecimento ao

velório afim de amenizar a culpa sentida por *Adolescente Um* ao não visitar a avó afetiva no ambiente hospitalar, a vinculação familiar em ambos casos buscando defesa na presença dos pais mesmo temendo a partida deles. Quanto à menarca, *Adolescente Um* lidou com o luto pelo corpo infantil através do diálogo com a mãe, transformando-a num espelho, enquanto *Adolescente Dois* recorreu ao compartilhamento da angústia com amigas que estavam passando pela mesma fase.

A religião está vinculada ao contexto familiar de ambas entrevistadas, isso demonstra o viés transgeracional de crenças influenciando a elaboração do luto de cada participante ao acreditar que os entes queridos falecidos estão em algum lugar melhor. Além disso *Adolescente Um* possui a tendência a ampliar seus vínculos recorrendo a outras figuras matriarcais como a lembrança da tia materna idealizada e o respeito dedicado à bisavó materna enquanto *Adolescente Dois* reconhece o paradigma cultural a influenciar o silêncio paterno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando inicialmente proposta, a presente pesquisa teve como objeto entrevistar adolescentes que passaram pela morte de um ente querido diante de uma tentativa de encontrar no discurso desses participantes pontos de convergência ou divergência que pudessem de algum modo contribuir com uma interpretação dos estudos realizados por autores psicanalíticos. Esse desejo partiu da leitura proporcionada por Kovács (1992) em *Morte e Desenvolvimento Humano*, uma vez que é justamente esse tipo de reflexão levantada pela autora em alguns capítulos da obra. Além disso, ocorrera o luto do presente estudante devido ao falecimento paterno, simultâneo à identificação com literaturas acadêmicas empreendidas nos períodos letivos, partindo da curiosidade para entender os sentimentos experimentados e os ressignificar.

Uma vez que a entrevista utilizada tenha sido estruturada a partir de estudos sobre adolescência e tanatologia, esperava-se encontrar pontos comuns no discurso das participantes voluntárias, mas não da forma como – principalmente as convergências – foram, de fato, constatadas, considerando-se características pessoais e circunstanciais da história de vida e não poder ser analisado separadamente à personalidade do sujeito. Esse dado aponta para um fator significativo que esteve presente no discurso das duas adolescentes voluntárias, as representações sobre a morte e os sentimentos experimentados a partir da mesma estão vinculados à transmissão transgeracional psíquica, ou seja compartilhamento do luto conforme o último seria elaborado no âmbito familiar.

A ligação entre os laços afetivos de ambas participantes vai além da própria vitalidade física a partir do momento em que há significativa inspiração em familiares acometidos de mortes. O silenciamento familiar das circunstâncias de falecimento decorrem de uma demanda não-dita sugerindo negação da angústia de detalhes que levaram à perda dos vínculos. As reações exploradas de surpresa decorrem de um choque e seguem por um torpor, quando a crença religiosa ressurgiu como elemento do ambiente familiar a que os indivíduos recorrem em situações de mobilização coletiva e individual.

As entrevistas semiestruturadas permitiram uma condução dos temas de maneira que os participantes puderam passear livremente na construção de um discurso que legitima suas representações de morte desde o início do desenvolvimento cognitivo, conforme exemplificado por *Adolescente Um* ao verbalizar suas perdas em tenra idade. As teorias do referencial teórico apontaram para a identificação de elementos coincidentes com as emoções experimentadas pelas duas voluntárias. Enquanto novas hipóteses das respostas seriam criadas de acordo com as relações construídas ao longo da vida, revelando o quanto o contexto possibilita diferentes formas até mesmo de expressão do choro conforme analisado na importância do mesmo para *Adolescente Dois*.

Essa elaboração do processo de luto compreende as mudanças vivenciadas pelas adolescentes após o falecimento das figuras de avós, legítimas e afetivas, identificando as estratégias de enfrentamento utilizadas no decorrer dos meses e os sentimentos ambivalentes envolvidos na situação. *Adolescente Um* delimitou a influência e idealização da figura de uma tia materna com a qual pouco ou não conviveu até um ano de idade, contudo até atualmente permanece viva nas virtudes das lembranças contadas por familiares, denotando também um caráter de responsabilidade conforme as expectativas sociais para a Adolescência atualmente, incluindo a percepção individual desse elemento parental após o falecimento da bisavó materna. Enquanto *Adolescente Dois* realizou associações à infância quando a morte era elaborada silenciosamente, contudo possuindo um desfecho em sua história de espontaneidade quando enfim permitiu-se chorar pela avó afetiva. Ambas participantes denotaram angústia ao verbalizarem as mortes mais recentes, direcionando o tema para as relações intrafamiliares e laços estabelecidos, enxergando propósito nos óbitos pela amenização do sofrimento.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência Normal: Um Enfoque Psicanalítico**. – 8ª edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.

Psicologia e Juventude - “**Adolescência: Uma Reedição da Infância**” por Marília de Freitas Maakaroun. Disponível em <<http://psicologiaejuventude.blogspot.com.br/2011/07/adolescencia-uma-reedicao-da-infancia.html>> (acessado em 25/06/2016)

BARDIN, L. **Análise De Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. **A Psicoterapia em Situações de Perdas E Luto**. São Paulo: Psy II, 1994

COLLINS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa Em Administração: Um Guia Prático para Alunos de Graduação e Pós-graduação**. 2 Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A Psicanálise Na Terra Do Nunca: Ensaios Sobre a Fantasia**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia (1917) Vol. XIV - SEB**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914)**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Edição Standard Brasileira.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. In: S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1912. 1974.

KLEIN, Melanie. **Nosso mundo adulto e suas raízes na infância**. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991. Vol. 3. P. 281-297.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo, MartinsFontes, 1969.

REHBEIN, Mauro Pioli; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 3, p. 563-583, Dec. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 25 June 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000300010>.

ANEXOS

ANEXO I: **UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

ADOLESCÊNCIA E MORTE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DE ADOLESCENTES EM ELABORAÇÃO DE LUTO

Pesquisadora Responsável: Raquel Almeida de Castro

Orientador da Pesquisa: Alexandre Cavalcante Da Silva.

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem como principal objetivo compreender, através do seu relato pessoal e também do relato de outros (as) participantes, quais são os pontos de semelhança e diferença sobre a perspectiva de morte antes e depois da experiência de morte de um ente querido. Essa pesquisa pode nos ajudar a aprofundar o estudo sobre as mudanças psicológicas ocorridas em adolescentes que estejam passando pelo processo de elaboração de luto, considerando toda sua complexidade enquanto seres humanos, principalmente nas suas relações sociais e maneira subjetiva de enxergar os eventos.

Para alcançarmos isto marcaremos uma entrevista individual, momento em que o participante se sentirá livre para desenvolver o relato de sua história de vida pessoal. Prevemos um encontro de aproximadamente 60 minutos. A sua história será gravada, depois transcrita e analisada, porém o seu nome será mantido em segredo. Você terá o direito de interromper as entrevistas a qualquer momento do processo, além de ter acesso aos resultados das pesquisas e análises, após a sua conclusão, se este for o seu desejo.

As entrevistas serão realizadas em uma sala nas dependências do CSPA (Centro de Serviços de Psicologia Aplicada) da UFAM.

Não haverá qualquer forma de pagamento pela participação na pesquisa e não serão realizadas atividades que não tenham sido informadas neste documento.

Para obter outros esclarecimentos sobre os procedimentos da pesquisa, a professora Raquel Almeida de Castro da UFAM estará à disposição no telefone: (92) 3647-4369 / Faculdade de Educação, endereço: Rua General Rodrigo Otávio, 3000 - Coroado II – Campus da Universidade Federal do Amazonas – Faculdade de Educação – Departamento de Psicologia.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____,

portador(a) da carteira de identidade nº _____, expedida pelo órgão _____, por me considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para minha inclusão como participante da pesquisa. Fui informado(a) que meu número de registro na pesquisa é _____ e recebi cópia deste documento por mim assinado.

Assinatura do(a) Participante Voluntário(a)
Dactiloscópica

Impressão

escrever)

(para quem ainda não sabe

Assinatura da Responsável pela Pesquisa

Data

ANEXO II:

Universidade Federal do Amazonas
Faculdade Psicologia
Curso de Psicologia

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Dados de identificação

Nome: _____

Idade: _____

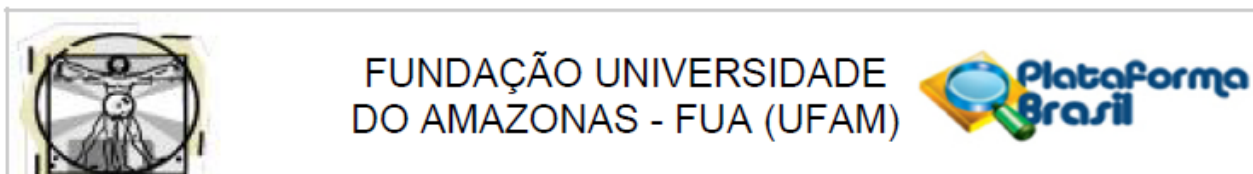
Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

2. Questionário

- 1) Fale um pouco sobre sua infância.
- 2) Como eram as manifestações de afeto na sua família?
- 3) Você frequentava alguma igreja com a família?
- 4) Como você enxergava a morte quando era criança?
- 5) O que seus pais diziam sobre o assunto?
- 6) Você teve alguma doença na infância?
- 7) Fale como eram seus aniversários.
- 8) Como foi a adaptação à escola?
- 9) Você tem algum irmão mais novo? Se sim, como reagiu à chegada dele?
- 10) Qual tu considera o início da puberdade.
- 11) Qual o sentimento em relação às mudanças?
- 12) Houve alguma rejeição às partes ou mudanças no corpo?
- 13) Como os sentimentos em relação ao corpo eram resolvidos?
- 14) Você participava de algum grupo na adolescência?
- 15) Como é o processo de mudança do ensino fundamental para o ensino médio?
- 16) Como você definiria seu estado de humor?
- 17) Que situações te causam inibição e dificuldade de enfrentamento?
- 18) Qual sua postura assumida diante delas?
- 19) Experimentou estresse pré-vestibular?
- 20) Precisou fazer alguma escolha difícil? Qual?
- 21) Você tem alguma religião atualmente?
- 22) Qual o nome da pessoa que você perdeu?
- 23) Idade dela?
- 24) Qual a posição dessa pessoa na família?
- 25) Essa pessoa tinha alguma doença?

- 26) Quais as características dela? Defeitos e qualidades.
- 27) Fale um pouco da sua relação com ela.
- 28) Você tinha contato com ela desde a infância? Com que frequência?
- 29) Influenciou nas suas escolhas?
- 30) Vocês tinham conflitos religiosos ou discordâncias?
- 31) Isso permaneceu após a morte dela?
- 32) Como resolveu isso?
- 33) Você foi para o velório?
- 34) Quais seus sentimentos em relação à morte dela?
- 35) Sentiu alguma mudança nas semanas seguintes?
- 36) De que forma lida com esses sentimentos?
- 37) Como prosseguiu as demonstrações de afeto nos meses seguintes à perda?
- 38) Vocês falavam sobre ela?
- 39) Você sentiu alguma mudança nas crenças religiosas?
- 40) Parou para pensar em como ela te via antes de morrer?
- 41) Anda pensando bastante nela nos últimos meses?
- 42) De que maneira isso afeta sua autoestima?
- 43) Quais as lembranças que mais retornaram após o falecimento dela? Fale sobre isso.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Adolescência e Luto - Uma Análise Psicanalítica de Adolescentes em Elaboração de Luto

Pesquisador: Raquel Almeida de Castro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44563315.2.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.053.856

Data da Relatoria: 06/05/2015

Apresentação do Projeto:

O presente estudo visa promover uma investigação sobre o processo de elaboração do luto realizado por adolescentes diante da situação de morte de um ente querido partindo da reflexão acerca do depoimento de tais jovens e segundo a teoria psicanalítica. A morte faz parte da civilização desde o início dos tempos, estudos sobre a concepção de morte diante de culturas distintas sugerem formas singulares de lidar com tal evento e mesmo visões distintas dele a partir da fase na qual o ser humano se encontra no desenvolvimento humano, da infância à velhice. Durante a adolescência, há presença de lutos simbólicos e representações típicas das idades correspondentes a tal etapa devido aos mecanismos de defesa. Quando tais adolescentes passam pelo processo de morte de um ente querido, experimentam sentimentos novos e mudanças. A presente pesquisa tem como objetivo interpretar o conteúdo obtido das narrativas de vida dos adolescentes de Manaus conforme estejam em processo de elaboração do luto e estabelecer a correlação entre o depoimento dos mesmos com os estudos psicanalíticos, atentando para as representações de morte observadas nos discursos e análise dos sentimentos ocasionados pela ocorrência dela. Será utilizada a técnica de História de Vida a ser aplicada em dois adolescentes, que estão em fase de elaboração do luto, com idade superior a 13 anos e inferior a 21 anos. O recrutamento e as entrevistas para o levantamento da História de Vida dos adolescentes

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br